

“Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense” / Bráulio Rodrigues da Silva; Leonilde Servolo de Medeiros, organização, apresentação e notas. – Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008, 101 p.

Ana Lúcia da Costa Silveira*

A originalidade de uma historiografia sobre a questão agrária brasileira

A historiografia da questão agrária brasileira no pós-1930 pode ser encontrada em diversos títulos da literatura acadêmica sobre o mundo rural brasileiro. A abundância de publicações acerca do assunto, ao mesmo tempo em que é benéfica por enriquecer o debate sobre o tema, igualmente contribui para esmaecer a sua originalidade. Nesse contexto, obras como *Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense* se destacam exatamente por enriquecer o citado debate, mas sem perder a originalidade. Ainda que delimite a temática ao estado do Rio de Janeiro, a obra apresenta situações comuns a outras regiões do país no que tange à luta pela posse da terra.

Narrado por Bráulio Rodrigues da Silva, mineiro nascido em 1923, de infância pobre, que cedo foi seduzido pela militância organizada na luta pela terra, o livro foi organizado e apresentado por Leonilde Servolo de Medeiros, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Existem, então, duas vozes a narrar o livro: a do protagonista Bráulio e a da intelectual Leonilde, sendo o aspecto mais convidativo à leitura da obra, neste entrelace de vozes tão distintas, o respeito da intelectual em não silenciar a simplicidade do protagonista, o que se torna visível na leitura do texto, pois cada parágrafo é estruturado se mantendo o mais fiel possível à fala do seu autor, recurso que em muito facilita ao leitor, imaginar Bráulio ali, à sua frente, dando os seus depoimentos de vida.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Dividida em seis partes (1-apresentação; 2-memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense; 3-matérias de jornais e outros documentos; 4-bibliografia citada; 5-para conhecer melhor as lutas no campo no estado do Rio de Janeiro; e 6-notas), a narrativa em si se concentra na segunda delas, ocupando a maior parte do corpo do texto, o que, à primeira vista, poderia conferir um caráter extremamente empírico à obra. No entanto, o suporte teórico necessário para embasar os relatos de Bráulio predomina nas duas últimas partes. Em “Para conhecer melhor as lutas no campo no estado do Rio de Janeiro”, Leonilde enumera várias obras, publicadas ou apresentadas no período entre 1984 e 2008 – livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado – que abordam a questão agrária fluminense e nas quais predominam a palavra-chave “assentamentos rurais” e outras a ela correlatas: formação, etnografia, dimensões culturais, pluriatividade, visões multidisciplinares, lideranças políticas, etc.

Já em “Notas”, a autora contextualiza historicamente várias passagens citadas no relato de Bráulio, consagrando o tom de realidade que impregna toda a narrativa. Por exemplo, quando o narrador menciona o AI-5, Leonilde formula uma nota explicando em que consistiu este ato. A seção “Notas” pode então considerada uma aula de história, com a vantagem de se basear em fatos documentados não só pelo concretismo do relato, como também pelas matérias de jornais e documentos arrolados na terceira parte da obra. Fora isso, naquela mesma seção, a autora sugere consultas a outras fontes, tanto digitais quanto as enumeradas em “bibliografia citada”, o que funciona como um guia orientador de estudos para os curiosos ou estudiosos do tema da questão agrária fluminense.

Vendedor de jornal, engraxate, ajudante de sapateiro, derrubador de laranjais, apontador de obra, carroceiro, eis algumas das ocupações desempenhadas por Bráulio que reforçam a simplicidade de um homem que só estudou até a quarta série. Neste universo de funções, a que mais se destaca na unidade de ação da narrativa é a de filiado ao Partido Comunista, o qual ajudou a organizar, nos anos 1950, em cidades do estado do Rio de Janeiro, como Volta Redonda e Petrópolis, e do qual foi representante, em Cuba, no terceiro aniversário da Revolução Cubana, em 1961. A convivência

com lideranças deste Partido, sobretudo as ligadas aos movimentos que atuavam na organização de ocupações de terras na região da Baixada Fluminense, muito contribuiu para que se formasse, naquele homem trabalhador e simples, um empenhado militante que atuou nas lutas contra o monopólio da terra naquela região.

A Baixada Fluminense, espaço principal da narrativa, é emblemática no que tange à disputa pela terra. Após transitar por um período de decadência e esvaziamento populacional, no final do século XIX, decorrente da crise da cafeicultura, a região viveu um momento de valorização fundiária, na década de 1940, por conta de diferentes fatores: a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional; a construção de rodovias federais, dentre elas a via Dutra; a industrialização do Vale do Paraíba; e a crescente urbanização de cidades vizinhas, como o Rio de Janeiro, capital do país até 1960. Essas circunstâncias promissoras atraíram especuladores interessados em loteamentos, ocasionando conflitos. Alguns deles são citados por Bráulio, como o de Pedra Lisa, o da Fazenda São Pedro e o de Santa Alice (ocorridos nos anos 1950).

A cronologia das memórias de luta inicia com a entrada do autor na militância da Juventude Comunista, ainda na época da ditadura de Getúlio Vargas, quando o Partido se encontrava na clandestinidade. Viveu intensamente os anos da redemocratização, quando seu Partido passou para a legalidade e, em seguida, novamente para a clandestinidade. As memórias se enriquecem em detalhes quando narra sua participação, junto a lideranças como Zé Matias e Zé Pureza, nas ocupações organizadas nos anos 1950. É perceptível ao leitor o entusiasmo com que narra sua atuação na diretoria da Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro (Falerj): “Nós, sempre que fazíamos manifestações nas ruas, passeatas, nelas sempre levávamos a bandeira nacional. (...) e usávamos a bandeira para todos sentirem que nós éramos pacíficos e estávamos querendo resolver os problemas do campo” (p.36). Ou quando menciona sua participação no Congresso de Belo Horizonte, já no governo de João Goulart: “O estado do Rio era o que gritava mais forte: ‘Reforma agrária, na

lei ou na marra!' (...) Não sei como essa palavra surgiu, mas quem mais falava éramos nós". (p.39).

A temporalidade da obra segue sua ordem linear ao serem narradas as vivências de Bráulio nos anos da ditadura. O tom entusiasmado e mais loquaz das passagens anteriores se apaga, e a narrativa torna-se quase silenciosa. "Eu tive mais de 20 prisões no estado do Rio de Janeiro, no período de 1966 até 1974" (p.48). "Eu não falava nada..." (p.49). A já comentada simplicidade do narrador permanece em todos os momentos, até nos mais duros: "Eu sofri medo na hora do depoimento. O depoimento era feito mais ou menos duas horas da tarde. Na Vila Militar, no Rio, eu ficava no sol e eles ficavam na sombra me ouvindo, duas, três horas" (p.46).

O paralelo cronológico entre as memórias do militante e a história agrária brasileira se mantém quando a narrativa passa a retratar o tímido início da redemocratização, na virada dos anos 1970 para os 1980, ocasião em que Bráulio se filia ao MDB e reinicia a sua atuação na organização de ocupações, desta vez com vínculos mais estreitos com a Igreja. É chamado para ajudar a Pastoral da Terra em Nova Iguaçu e, mais tarde, a Comissão Pastoral da Terra estadual. Apoiava ocupações, dando orientações advindas de sua experiência.

O entusiasmo do narrador ressurge quando ele conta, com mais pormenores, a mobilização que liderou, em 1978, na luta contra os despejos e pela renegociação das dívidas de 23 conjuntos habitacionais ligados ao Banco Nacional de Habitação (BNH): "E suspendeu (os despejos). Deu nos jornais, e nós fizemos uma assembléia. Deu mais de seis mil pessoas na assembléia. (...) Uma beleza! E elogio para lá, elogio para cá!" (p.62). A arregimentação reivindicatória que envolveu os mutuários do BNH é emblemática no que se refere à ampliação dos círculos de militância na região da Baixada Fluminense. Pois, em virtude do processo de urbanização vivido desde os anos 1930, ela passa a demandar também atuação combativa em questões tipicamente mais urbanas, numa clara percepção de que, acompanhando uma tendência nacional e até mesmo mundial, as fronteiras entre rural e urbano nesta região iam ficando mais tênues.

As memórias de Bráulio vão se encaminhando para o desfecho. Já conhecido nos círculos políticos da Baixada Fluminense por sua militância, ele é frequentemente convidado para participar de reuniões em sindicatos, de organização de ocupações e até mesmo para ocupar cargos em departamentos administrativos ligados à legalização de terras. A militância toma o rumo da maturidade, mas a simplicidade do narrador se mantém inalterada: “Olha, eu vim para cá, meu título é de chefe, mas eu não serei chefe, serei um companheiro! (...) Quero que amanhã ou depois, quando sair daqui, vocês me encontrem e não possam dizer ‘aquele ali só tinha conversa fiada!’” (p.68). Bráulio Rodrigues da Silva fecha suas memórias informando que mora em Magé, na Baixada Fluminense. Seu padrão de vida continua simples, alega que a melhora conquistada com moradia em sua trajetória de vida se deve à indenização que recebeu pelas prisões no tempo da ditadura. Ainda continua na militância, trabalhando na construção de um ponto de comercialização de produtos agrícolas da região onde reside. O tempo verbal no presente, na última frase de sua obra, revela que, enquanto estiver vivo, Bráulio terá memórias de luta pela terra para narrar:

Estamos conseguindo desenvolver um bom trabalho! (p.72).

No início deste texto, enfatizou-se que o livro resenhado contribuía de forma original na já traçada e debatida historiografia da questão agrária brasileira desde os anos 1930. Diante do exposto, pode-se afirmar que a originalidade advém principalmente (mas não somente) de a cronologia traçada em *Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense* ser um texto vivo, real, permeado pela emoção de um ator-protagonista da luta contra o monopólio da terra no estado do Rio de Janeiro. Aliado a isso, a originalidade da obra também decorre da já citada simplicidade que permeia a redação, reflexo do temperamento de seu narrador, e igualmente se manifesta no entrelace das vozes que perpassam a narrativa: do narrador-protagonista, na direção da qual apontam os holofotes. E na da narradora-organizadora, que, na opção por se manter fora da mira dos holofotes, realizou um

Ana Lúcia da Costa Silveira

excelente “trabalho de bastidores” apresentando ao final da narrativa, como já mencionado, uma rica seleção de matérias de jornais, documentos e fotos envolvendo alguns dos fatos narrados por Bráulio e também um guia de esclarecimentos históricos destes fatos, além de outras fontes de consulta para pesquisar o assunto.

Nos tempos mais recentes, em que especialmente a grande mídia, ao divulgar de modo maniqueísta os conflitos agrários, vem criando uma polarização prejudicial aos movimentos sociais que lutam pelo direito à terra, a ampla divulgação da obra aqui resenhada favorece uma outra possibilidade de interpretar o assunto. Sem ser panfletário ou tendencioso, o relato do protagonista Bráulio não constrói nem heróis nem vilões, apenas exemplifica, com o suporte teórico necessário, um entre os muitos casos que construíram a historiografia agrária fluminense desde 1930.

Recebido em out./ nov. de 2008 e
aprovado em jan. de 2009.